



## **O ENSINO DE LIBRAS E AS ARTES VISUAIS MOTORAS: DIÁLOGOS NECESSÁRIOS NA ESCOLA.**

Géssica de Sousa Macedo <sup>1</sup>

### **RESUMO**

Tendo em vista a necessidade de se pensar a inclusão do ensino da Língua Brasileira de Sinais na grade curricular de ensino, a proposta deste trabalho é voltada para do uso da Arte Visual Motora como ferramenta para mobilizar a aprendizagem de Libras nas escolas. Para tanto, foi realizada uma pesquisa de campo de observação na Escola Municipal Francisco Quirino na cidade de Oeiras-PI em uma turma de 5º ano do Ensino Fundamental I, a qual estudava um aluno surdo, como também foi aplicado um questionário às professoras da turma citada. Como apoio referencial, fizemos menção a Bueno (1975) em breve análise histórica da surdez, e Skliar (2001), Perli e Strobel (2006), Martins (2001) e Caldas (2006) como apoio a inclusão e relação da Arte Visual Motora com a Língua Brasileira de sinais. Foi possível observar que a falta de formação dos professores e de material didático para o ensino de Libras são fatores que dificultam o ensino desta língua, porém no trabalho da observação e como forma de deixar uma contribuição a comunidade escolar foi realizada a interpretação de uma música juntamente com os alunos e o aluno surdo, onde pela interação dos alunos com a atividade, observamos que o ensino de Libras agregada a Arte Visual Motora é um meio eficaz, facilitador e de grande contribuição para a aprendizagem da Língua de Sinais.

**Palavras-chave:** Língua de sinais, Arte visual motora, Educação.

### **INTRODUÇÃO**

Alguns autores destacam o século XVIII, como o marco na preocupação em se proporcionar uma educação especial adequada às necessidades de cada deficiência. Com relação a educação de surdos há uma preocupação acerca de como esses estão sendo inclusos nas escolas e como sua Língua de sinais está sendo utilizada.

Desse modo, este estudo estabelece diálogos entre as práticas artísticas e o ensino da Língua de Sinais a partir da prática reflexiva com grupo de alunos nas séries iniciais do Ensino Fundamental, tendo em vista a necessidade de se compreender que a arte pode ser um instrumento de emancipação e descobertas a fim de reconhecer que ela pode ser usada por surdos e ouvintes, visto que trata-se de uma forma diversificada de expressão que alcança os mais diversos tipos e gêneros de pessoas, Ana Mae Barbosa (2012, p. 34) afirma que “o canal da realização estética é inerente à natureza humana e não conhece diferenças sociais”,

---

<sup>1</sup> Especialista em Língua Brasileira de sinais pelo Centro de Educação Aberta a Distância da Universidade Federal do Piauí e Psicopedagogia pelo Instituto Superior de Educação Programus - ISEPRO [gessica.vl@hotmail.com](mailto:gessica.vl@hotmail.com);



compreendemos assim que a arte alcança os diferentes tipos de sujeito e não distingue as diferenças muitas vezes impregnadas pela sociedade.

Cabe destacar que a arte é uma expressão utilizada para manifestar diferentes tipos de sensações e sentimentos, e a arte por meio de movimento trata-se de uma forma de expressão corporal. Lehmann (2007, p. 258) diz que a arte: “Se trata de converter o corpo inteiro em voz”. Fato esse que faz relação com o surdo, visto que sua aprendizagem e comunicação acontecem por meio da visualidade, e a arte do movimento proporciona também o desenvolvimento das habilidades visuais e motoras.

Pensa-se em despertar a sociedade para conhecer o uso desta língua na escola por ser um ambiente de formação de cidadãos independente de suas especificidades e características próprias. Assim, indagamos: De que forma o ensino de libras poderia ser ministrado de forma a despertar o interesse dos alunos?

Faremos uma breve abordagem histórica sobre a história do surdo com apoio referencial de Bueno (1975). Faremos referência ao autor Skliar (2001) e Bueno (2011) que faz uma abordagem a respeito da inclusão dos surdos da comunidade e identidade surda. No que diz respeito ao uso da arte como ferramenta de aprendizagem de Libras utilizaremos publicações de autores como Perli e Strobel (2006), Martins (2001), Caldas (2006).

O recorte foi realizado nas séries iniciais do ensino fundamental, a qual será selecionada uma turma que contém um aluno surdo. A escolha da turma se deu de forma estratégica a fim de compreender como é o convívio da criança surda no ambiente escolar.

Diante disso a problemática que envolve esse artigo é voltada para despertar na instituição escolar e nos profissionais a importância e necessidade de se compreender e fazer uso da Língua de Sinais, tendo como proposta o uso das artes visuais motoras. Daremos ênfase às artes visuais motoras que proporciona a quem as utiliza, uma forma de demonstrar e mostrar seu mundo, seus sentimentos, sua comunidade através do corpo.

## **METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)**

O presente trabalho foi realizado com alunos da Escola Municipal Francisco Quirino na cidade de Oeiras – Pi, o qual aconteceu em etapas, a começar pelo estudo aprofundado do tema proposto, a fim de delimitar aquilo que será exposto para a comunidade escolar, em seguida foi aplicado um questionário, sendo ele: “instrumento de coleta de dados constituído por uma série de perguntas, que devem ser respondidas por escrito” (Marconi & Lakatos, 1999:100) com finalidade de se reconhecer e levantar dados a respeito do uso da língua de



sinais. O questionário foi aplicado as professoras da turma a qual a criança estuda a fim de colher informações acerca do histórico da criança e sua relação com terceiros e do uso da Libras na escola. O questionário contém nove questões abertas o qual não há categorias fechadas e o entrevistado pode responder de forma livre. Com base nesse questionário será realizada a análise de dados com as informações coletadas, assim como também, nele constará a observação obtida durante a aplicação da oficina com as crianças que compõe a turma da criança surda. Sendo que a observação “...utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Consiste de ver, ouvir e examinar fatos ou fenômenos” (Marconi & Lakatos, 1999:90). Dessa forma faremos um trabalho de coleta de dados através de questionário e de observação através da oficina aplicada.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

### **Uma breve abordagem sobre o surdo e a Língua Brasileira de Sinais.**

Desde o extermínio do surdo na sociedade até o disfarce de sua existência as pessoas surdas ou deficientes culturalmente são tratadas de forma diferente, a preocupação em aceitar e conviver com os surdos ainda caminha em passos curtos. Na literatura especializada esse tratamento está relacionado ao período inicial da educação de surdos, na qual segundo Bueno (1975), essas pessoas eram internadas em asilos, visto que, não se distinguia os diferentes tipos de deficiência, por serem surdos eram tratados como deficientes mentais ou loucos, eram assim rotulados pela sociedade e suas famílias. A literatura especializada evidencia a história dos surdos e de outros deficientes como sendo marcada por terrorismo e tragédias.

Em contrapartida a legislação vigente de número 10.496/2002 ressalta os surdos como partícipes integrando o meio social, mesmo que esta esteja sendo cumprida em passos lentos. Tendo em vista toda essa trajetória histórica, atualmente há maior preocupação em tornar o surdo humanizado diante do convívio social, assim como também a necessidade de vê-los como atuantes dentro da sociedade.

No atual momento as leis 9394/96 que define as leis e diretrizes para a educação em sua totalidade e a lei 10.496 de 2002 que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais garantem o direito ao surdo e livre acesso para ser reconhecido como cidadão (BRASIL, 2002), a língua de sinais é uma forma de reconhecer o surdo na sociedade e de proporcionar-lhes a construção de sua própria identidade. Na escola está sendo ensinada, mesmo que em passos curtos, pois, são poucas as escolas que utilizam a Língua de Sinais ou tem inseridas em seu currículo a



disciplina de Libras. Percebe-se que há uma preocupação da comunidade surda no sentido de mobilizar o poder público e a sociedade no intuito de fazer entender a real finalidade e necessidade do uso da Língua de Sinais.

Mesmo com todo suporte legal a Língua Brasileira de Sinais ainda é ausente nas escolas, muitos ainda estão apenas inseridos nela, mas suas diferenças não são consideradas, causando assim a exclusão, pois sendo a Libras o meio pelo qual os surdos se comunicam com outros surdos e ouvintes, a aprendizagem desta língua é primordial, sem ela dificilmente haverá comunicação.

Há surdos que frequentam a escola, mas não estão incluídos nela. Bueno (2001) reitera a diferença entre inclusão e integração, o aluno é incluído quando as diferenças da criança são reconhecidas e a escola quem deve adaptar-se às necessidades das crianças, já na integração, a criança é apenas colocada no meio e sua inserção só acontece quando suas necessidades pessoais permitem. Sendo assim é necessário que o aluno com surdez ou qualquer outro tipo de deficiência seja não apenas integrado, mas incluído no sistema de ensino, bem como a escola esteja adaptada às necessidades desse alunado.

#### **A relação entre as artes visuais motoras e o ensino de Libras.**

Partindo da necessidade que a Língua de Sinais seja incluída no currículo escolar, destacamos que ela deve estar presente desde as primeiras etapas da educação. Para que esta língua seja aprendida pelas crianças é essencial que ele seja trabalhada de forma lúdica e prazerosa. Uma das formas de provocar a aprendizagem da Língua de Sinais é através da arte visual motora, pois entendemos que ela é capaz de sensibilizar o ser humano de forma incontestável. Martins afirma:

Diferente de outras expressões culturais como a língua, a ciência ou a filosofia, a arte oferece uma experiência mais imediata e concreta. Sempre que nos defrontamos com uma obra de arte, seja ela música, pintura, escultura, teatro, ou qualquer outro tipo, estamos na presença de uma obra individual. Uma pessoa concreta diante de uma obra concreta e individual ( MARTINS 2001, p. 45).

A autora aponta a arte como uma forma de se demonstrar de forma concreta valores, crenças, modos de ser e de viver de um grupo ou indivíduo. Dessa forma, podemos entender que a cultura surda pode ser demonstrada, aprendida e principalmente compreendida através das diferentes manifestações de arte. O teatro, a dança, podem ser instrumentos utilizados para se aprender de forma lúdica, criativa e sensitiva a Língua de Sinais, visto que, a comunicação com surdos acontece de forma visual-motora e certamente usando a arte como instrumento, esta comunicação será compreendida de forma significativa e dinâmica.



A arte visual motora caracteriza-se como um meio de expressão para surdo, bem como afirma Lehmann (2007) através da arte é possível converter o corpo em voz. Tendo em vista a percepção que a arte possibilita a prática do diálogo corporal e a comunicação através da Língua de Sinais acontece por meio de práticas e expressões corporais, o ensino desta língua para crianças utilizando a arte como ferramenta torna aprendizagem mais dinâmica e prazerosa.

Nesse sentido, podemos romper com a ideia de que o surdo é um ser isolado e incomunicável. Strobel (2013) ressalta a contribuição da utilização da visualidade para surdos, pois ao se tratar de deficiência é necessário mediar ações que visem despertar habilidades que venham contribuir para seu desenvolvimento mesmo com sua deficiência, a arte trás esses benefícios, pois a arte visual- motora possibilita o reconhecimento de si mesmo e do outro. Caldas aponta algumas das contribuições da arte para os surdos:

Considerar que os olhos, as mãos, a expressão corporal e facial são sinais referenciais para os surdos. Despertar os surdos para a arte, a fim de que possam expressar sua identidade através da mesma. Ver a arte como forma de significação que produz certas características determinantes para a diferença e as construções históricas e culturais. (CALDAS 2006, p. 42).

Através da afirmação citada podemos notar que ao considerarmos o corpo como sinal referencial para o surdo, a de se buscar mecanismos que tenham como ponto norteador o uso das habilidades corporais como meio de expressão de identidade e identificamos a arte como ferramenta que facilitará o ensino da Língua de Sinais.

Ao falarmos da arte envolvendo o corpo e movimento, desfrutamos da vasta contribuição destes para o desenvolvimento psicomotor e cognitivo. Cada criança possui um repertório motor variado, esse repertório pode ser mais ou menos desenvolvido. O desenvolvimento está relacionado com experiências e vivências de qualidade que esta criança possui. Para Paim (2003), quanto maior o número de experiências, maior será o desempenho realizado por elas. Dessa forma compreendemos que a aprendizagem acontece de acordo com estímulos e experiências proporcionadas, e com os surdos não é diferente, a sua limitação está na audição, e isso não o impossibilita de desenvolver-se nos aspectos cognitivos e motores, apenas é necessário um olhar peculiar para estabelecer ações que contemplem as especificidades do surdo.

Segundo Schmidt e Wrisberg (2001), são as mudanças em processos internos que determinam a capacidade de um indivíduo para produzir determinada tarefa motora, com a prática, o nível da aprendizagem aumenta. E esses processos internos mencionados pelos





autores são possíveis através de estímulos, quando isso é possível o desenvolvimento acontece de forma satisfatória e prazerosa.

O teatro, a dança são meios que despertam no aluno o interesse, que o faz aprender de forma lúdica e significativa. Taylor (1994) afirma que mesmo sendo surda a pessoa sente prazer em dançar, aprimora movimento e os ajuda a desenvolver os aspectos motores e cognitivos. Sacks (2010) faz menção a uma peça teatral que estimulou expressões artísticas entre os surdos trata-se de uma peça feita em língua de sinais em 1973 e desde então a relação entre a língua de sinais e as manifestações artísticas ganharam novos olhares.

Assim que a resistência foi vencida e a nova consciência vingou, proliferaram artistas surdos de todos os tipos. Emergiram poesia na língua de sinais, chistes na língua de sinais, canções em língua de sinais, dança na língua de sinais – artes sem igual na língua de sinais que não podiam ser traduzidas para a língua falada (SACKS 2010 p. 123).

Caldas chama a atenção para a importância da arte da construção da identidade do surdo e ainda a necessidade de estimular e despertar o surdo para as expressões artísticas:

Observar que os alunos surdos precisam de contato com a arte surda. Levar surdos ao contato com artistas surdos e com arte surda através de fotos, vídeos, pinturas, esculturas, teatro. Considerar que os olhos, as mãos, a expressão corporal e facial são sinais referenciais para os surdos. Despertar os surdos para a arte, a fim de que possam expressar sua identidade através da mesma. Ver a arte como forma de significação que produz certas características determinantes para a diferença e as construções históricas e culturais<sup>7</sup> (CALDAS 2006, p. 42).

A autora menciona a contribuição da arte, sendo ela uma forma de expressão da identidade surda, chama a atenção para que os surdos tenham experiências com a própria cultura surda, para que ele também perceba que é possível desenvolver habilidades artísticas sendo surdo, e mais ainda há de se criar sua identidade através das práticas artísticas. Ressalta a arte surda como meio de apropriação de sua identidade, entendendo-a como uma maneira de relacionar o movimento surdo a apropriação da arte com aquilo que é referencial para um ser surdo, como o uso das mãos, da corporeidade e visualidade, pois esses podem ser meios para comunicação, valorização e identificação do surdo.

Perli e Strobel apontam “O fato de que o surdo é um sujeito que produz cultura baseada na experiência visual requer uma educação fundamentada nesta sua diferença cultural” (PERLI, STROBEL 2006, p. 45). Sendo assim, a cultura surda acontece através da visualidade e é essencial que esta habilidade seja trabalhada dentro da escola como meio de valorizar a cultura surda.



É interessante notarmos a relação entre a arte pelo movimento corporal e a língua de sinais. No estudo de Libras a expressão corporal durante a sinalização é essencial até para que o sinal seja melhor compreendido tanto para o surdo como para o ouvinte e a arte visual motora como o próprio nome sugere diz respeito a comunicação através do corpo, o corpo sinaliza sem que precise da fala. Como destacou Perli e Strobel (2006) a expressão visual é de fundamental importância para os surdos, sua comunicação acontece através dela, entendemos assim o trabalho com a arte visual motora um facilitador para que a visualidade aconteça de forma lúdica e dinâmica dentro das escolas.

No entanto para que o ensino de Libras através das artes visuais motoras aconteça é essencial que a cultura surda e sua comunidade seja considerada para que esta ação torne significativa tanto para o surdo como para o ouvinte, pois segundo Strobel (2013) a comunidade surda abrange tanto surdos como ouvintes.

Para que a relação entre a arte e o ensino de Libras aconteça dentro das escolas é fundamental que o educador tenha conhecimento das duas áreas, como também reconheça a cultura surda e suas especificidades. Melania Casarin (2011) chama a atenção para a importância de o educador lançar um olhar sob as manifestações culturais da comunidade surda frente à cultura dos ouvintes. Dessa forma, qualquer ação que se queira desenvolver entre o ouvinte e o surdo deve-se considerar suas culturas para que haja inclusão, no sentido de que as atividades realizadas entre o surdo e ouvinte aconteçam de forma interligada para que estimule interesse de ambas as partes, e a arte visual motora é de grande valia para que a inserção do ouvinte na cultura dos surdos aconteça.

Portanto, ao utilizarmos as artes visuais motoras de forma lúdica e inclusiva estaremos contribuindo para um conjunto de habilidades para surdos e ouvintes e além da arte ser uma ferramenta lúdica de se aprender Libras, proporciona também a construção da identidade surda, a fim de que se perceba o aluno com surdez como participante do meio e não apenas inserido sem poder agir sobre ele.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Com intuito de compreender como acontece a educação do aluno surdo e sua relação com as outras pessoas na escola foi aplicado um questionário, a duas professoras da sala regular na turma de 5º ano. Ele é composto de nove questões abertas.

No decorrer da análise será mencionado como Edc AB, as educadoras que responderam ao questionário, visto que foi aplicado as duas professoras da sala regular



simultaneamente. Fazemos também alusão a uma professora que acompanhava a criança durante certo período, que a identificaremos como prof. C.

Ao serem questionadas sobre o maior desafio enfrentado pelas professoras com um aluno surdo, obtivemos como resposta a falta de material visual como, por exemplo: “vídeos, filmes com legendas para melhor entendimento do aluno surdo”. Acreditamos que na afirmação das professoras elas se referem a necessidade do interprete nos vídeos. As respostas obtidas são condizentes com a realidade. Lacerda et al. (2013) chama a atenção para a formação docente e o uso de metodologia adequada ao aluno surdo, ressalta ainda o conhecimento básico de Libras que o professor deve ter. Sendo assim é necessário chamar a atenção para a importância que se deve dar ao material didático adequado ao aluno surdo, a formação dos professores englobando a Libras, para que se tenha uma comunicação real entre o aluno e professor.

Sobre a relação das professoras com o aluno surdo, foi solicitado que as educadoras apresentassem de forma resumida, a relação afetiva das professoras com a criança surda. As Edc AB relataram: “A nossa relação acontece através de gestos e olhares”. Durante a aplicação do trabalho foi possível observar que de fato as Edc AB, comunicam-se com o aluno surdo através de gestos e olhares, visto que elas não possuem formação na área da Libras, sendo assim não são conhecedoras dos sinais básicos da língua de sinais, fazendo uso assim do que chamamos de Comunicação Total, segundo Schielp (2008), é um método que permite o resgate a comunicação das pessoas surdas e permite a combinação entre a língua de sinais, gestos, mímicas, leitura labial, entre outros. Em a comunicação total ainda é um meio de comunicação entre surdos e ouvintes.

Ao serem perguntadas sobre a relação do aluno surdo com os demais colegas, as Edc AB responderam “Acontece de forma razoável, sendo que com alguns ele interagi mais do que outros”. Os alunos se comunicam com o surdo através de gestos fazendo uso também da comunicação total. Cabe destacar que o próprio aluno surdo não é alfabetizado em Libras, alguns sinais ele reconhece, outros foram ensinados pela professora C que o acompanhava na APAE (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais) e pela falta de formação a professora o ensinava através da comunicação total e fazia uso de alguns sinais de Libras. Desde que entrou na atual escola a professora C, não o acompanha mais, o aluno surdo tem dois colegas que se interessaram pela Libras e utilizam de alguns sinais para comunicar-se com o aluno surdo. Tovar (2000) defende que exposição da língua para a criança surda possibilita seu desenvolvimento e construção da socialização, da construção realidade, mas também de sua autoestima.





No questionamento sobre a relação interpessoal da criança surda fizemos o seguinte questionamento: “De acordo com suas observações, a surdez o deixa retraído no convívio com as outras crianças?” obtivemos a seguinte resposta: “Não. Ele se comunica, com as outras crianças, brinca se diverte”. De fato foi possível observar a espontaneidade da criança com os demais colegas. Felizmente a criança observada é autêntica e autônoma, interage com terceiros, e da sua maneira comunica-se com os demais colegas. Esse fato é significativo, pois alguns surdos tendem a se isolarem e até não participam da vida escolar. O acesso a língua de sinais transforma o indivíduo surdo em um membro participante de uma sociedade. Mesmo que o aluno surdo mencionado no questionário não tenha faça uso completo da língua de sinais, pois a uma mistura em sua comunicação entre essa e a comunicação total, quando seus colegas interagem com ele através da sua língua ele se sente participante dentro do ambiente escolar.

Na pergunta referente a participação dos pais na vida escolar do aluno surdo a resposta foi afirmativa, segundo as Edc AB “Eles participam ativamente de todos os eventos escolares”. O fato dos pais da criança surda estarem presentes na vida escolar do aluno é de fundamental importância para que tanto os pais, como a própria criança sintam-se parte da comunidade escolar, assim como também, influencia de forma positiva a vida escolar da criança.

No questionamento referente às estratégias de ensino, indagamos da seguinte forma: “Há alguma estratégia de ensino para envolver o aluno surdo durante a aula? Em caso afirmativo, qual?” as Edc AB responderam que não. Além da não formação dos professores, ainda não há a utilização de estratégias de ensino da criança surda. Durante a pesquisa verificamos que cognitivamente a criança não acompanha sua turma, o que acontece é a socialização dele com os demais colegas, mas no que diz respeito aos conteúdos os professores não possuem métodos para de fato incluir a criança surda dentro do processo de ensino e aprendizagem, assim como também a escola não possui interprete para auxiliar o aluno. Esse é um grande problema enfrentado na maioria das escolas, pois raramente os professores possuem qualificação e conseqüentemente estratégias de ensino para envolver o aluno surdo no processo de ensino e aprendizagem mesmo que este direito seja garantido por lei o decreto 5626/2005 em seu artigo 3º cita a inserção da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores. (BRASIL, 2005)

O questionamento referente ao que poderia ser acrescentado para a melhor comunicação e interação da criança surda na escola tivemos como resposta das Edc AB:



“Professor especializado na área e material adequado”. Entendemos que para que a educação inclusiva aconteça se faz necessária a formação profissional e o material didático adequado que dê suporte a esta prática. Perlin (2006) defende a presença de professores surdos nas escolas regulares, especiais e Centros de Atendimento Especializados, para a autora são os professores surdos quem devem ensinar os surdos.

A presença de um professor surdo nas escolas é primordial para a aquisição desta língua dentro do ambiente escolar, porém vale ressaltar que isso não impede que o professor da sala regular tenha ao menos os conhecimentos básicos da língua de sinais para que haja comunicação no ambiente escolar.

Por fim, como contribuição a escola foi realizada uma oficina com as crianças da turma observada e principalmente com o aluno surdo e depois de alguns ensaios, todos apresentaram a música “Era uma vez” de Kell Smith em Libras. Momento gratificante que tornou possível a comunidade escolar reconhecer a importância de se aprender a Língua Brasileira de Sinais.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Durante a pesquisa e estudo do tema abordado foi possível perceber que o aprender Libras é possível e que ela se torna mais significativa e prazerosa quando a ludicidade das artes se faz presente. Percebemos ainda que a Libras ainda acontece a passos curtos nas escolas, que a falta de formação e de material didático torna o ensino de libras mais dificultoso, porém é válido constar que há o início de uma preocupação mesmo que pequena, em aprimorar o ensino de forma a torná-lo eficaz a todos os agentes que compõe nossa sociedade, seja um sujeito, surdo, deficiente, com limitações, enfim, um ensino que atenda a toda clientela de uma sociedade plural com direito a inclusão real.

Machado (2008 p. 78) “É necessário um currículo que rompa com as barreiras sociais, políticas e econômicas e passe a tratar os sujeitos como produtores e produtos de uma cultura”. Machado ainda afirma que pouco adianta a escola ter alunos surdos e ignorar sua condição histórica, cultural e social. É preciso pensar o espaço escolar no âmbito da inclusão, no qual o aluno surdo ou com qualquer outra deficiência ou limitação seja não apenas integrado, mas incluso com seus direitos garantidos.

Percebemos também que a arte além de sensibilizar, proporciona a aprendizagem mais lúdica, prazerosa e significativa. Toda comunidade escolar emocionou-se com o encerramento da oficina e da música interpretada em libras pelos próprios alunos, assim como



também, foi possível perceber o entusiasmo do aluno surdo em ver sua língua sendo utilizada e ainda os olhares curiosos das crianças pedindo para que a Língua de Sinais seja ensinada a eles.

Notamos assim a necessidade de implantação de ações que visem o desenvolvimento da língua de sinais, bem como a explanação de pesquisas que visem o avanço de métodos que viabilizem a disseminação da Língua de sinais nas escolas, como também a inserção da Língua de sinais no currículo, a presença de professores surdos e formações para professores nesta área, são ações que facilitaram a inclusão desta língua nas instituições de ensino.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae T. B. **A Imagem no Ensino da Arte**. São Paulo: Perspectiva, Ed,08 2012.

BRASIL. **Lei nº. 10.436**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 24 abr. 2002.

BRASIL. **Decreto nº. 5.626**. Regulamenta a Lei nº. 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais (Libras), e o art. 18 da Lei nº. 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial da União, Brasília, 22 dez. 2005.

BUENO, F. da Silveira. **Tratado de Semântica Brasileira**. São Paulo: Saraiva, 1975.

BUENO, J.G.S. A inclusão de alunos deficientes nas classes comuns do ensino regular. *Temas sobre desenvolvimento*. São Paulo. 2001

CALDAS, Ana Luiza P. **O Filosofar na Arte da Criança Surda: construções e saberes**. 2006.

CASARIN, Melânia M. Atendimento às necessidades dos alunos com surdez. In: SILUK, Ana Paula P. **Formação de professores para o atendimento educacional especializado**. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2011.

LACERDA, C. B. F.; SANTOS, L. F. dos; CAETANO, J. F. Estratégias metodológicas para o ensino de alunos surdos. In: LACERDA, C. B. F. de; SANTOS, L. F. dos (Orgs.). **Tenho um aluno surdo, e agora?** Introdução à Libras e Educação de surdos. São Carlos: EDUFSCar, 2013.

LEHMANN, Hans-Thies. **Teatro pós-dramático**. Trad. Pedro Sússekind. São Paulo: Cosac & Naify, 2007.

MACHADO, Paulo César. **A política Educacional de Integração/Inclusão – Um Olhar do Egresso Surdo**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2008.

MARCONI, Marina A; LAKATOS, Eva M. **Técnicas de Pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 1999.



MARTINS, Maria H.P. **Somos todos diferentes: Convivendo com a diversidade do mundo.** São Paulo: Moderna, 2001.

PAIM, Maria C. C. **Desenvolvimento motor de crianças pré-escolares entre 5 e 6 anos.** *EFDeportes.com, Revista Digital.* Buenos Aires, Ano 8, Nº 58, 2003.

PERLIN, Gladis Teresinha Taschetto; STROBEL, Karin. **Fundamentos da Educação de Surdos.** Florianópolis: UFSC, 2006.

SCHELP, Patrícia Paula. **Práticas de letramento de alunos surdos em contexto de escola inclusiva.** Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Ijuí, 2008.

SCHMIDT, Richard A.; WRISBERG, Craig A. **Aprendizagem e performance motora: uma abordagem da aprendizagem baseada no problema.** 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.

STROBEL, Karin Lilian. **As imagens do outro sobre a cultura surda.** Florianópolis: UFSC, 2013.

TAYLOR, B. **Conviver com o surdo.** São Paulo: Scipione, 1994.

TOVAR, L. A. **La Lengua escrita como segunda lengua para el niño sordo.** In: Revista El Bilingüismo de los sordos, V. 1, nº 4. Santa Fe de Bogotá: INSOR, 2000.